



NOÇÕES DE JOVENS SOBRE A POLÍTICA NO FUTEBOL

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3565

Pedro Aurélio dos Santos Luiz, UEL
Márcia Elisa Teté Ramos, UEM

Resumo

O seguinte estudo busca expor considerações iniciais sobre a pesquisa em torno das ideias de alunos sobre as relações do futebol com a política. Para isso, também consideramos a concepção de Franco Jr. (2007) a respeito do *futebol*, que o designa como um fenômeno cultural total, devido a capacidade desta temática em se relacionar com diversos outros campos do saber. Fundamenta-se o referencial na *Nova História Política* (RÉMOND, 2003) que entende que a política se dá em múltiplas esferas de interação e no campo investigativo da *Didática da História*, que segundo Bergmann (1989/1990) aborda as formas de elaboração da história, considerando que as relações possíveis entre o futebol e a política, implicam em pensar o passado destas relações, em suas mudanças e permanências. O estudo se utilizou da *Grounded Theory* (Charmaz, 2009) para a exploração de dados e análise dos resultados obtidos, por isso, desenvolveu-se através de um estudo piloto com a aplicação de questionários para estabelecer o perfil socioeconômico e cultural dos alunos inseridos no Ensino Médio e seus conhecimentos prévios. Posteriormente, no estudo principal, realizou-se um Grupo Focal que buscou colher dados relativos às noções dos alunos através de debate em relação à política e futebol, bem como comparação crítica entre duas fontes históricas. Como conclusão, evidenciou-se nos jovens saberes históricos bem elaborados, noções de mudanças e permanências, além de noções em torno de conceitos substantivos.

Palavras Chave:

Didática da História;
Política; Juventude;
Futebol; Fontes
Históricas.

A influência histórico-política das instituições de futebol no Brasil circunda os mais variados aspectos do imaginário popular. O cruzeirense não vota no ex-presidente do Atlético Mineiro que concorre à vaga de governador do estado de Minas Gerais; o presidente da república declaradamente corinthiano arquiteta todo um mecanismo público-estatal para a criação de um emblemático estádio que circunda o imaginário dos corintianos e que fora motivo de deboche dos rivais por muitos anos; o gremista não compra utensílios domésticos daquela empresa que patrocina o Internacional-RS, e por aí vão os exemplos, fictícios ou não, de como o futebol pode ser utilizado para compreender o comportamento do brasileiro em suas tomadas de decisões.

Contudo, percebe-se que este objeto de análise histórica ainda é evitado nos métodos de abordagem sobre o comportamento e visões de mundo dos brasileiros, e assim não se busca compreender as diferentes esferas das relações sociopolíticas do brasileiro através da ótica futebolística. Tais relações integram a cultura histórica de uma sociedade, e, para nossa pesquisa, de um determinado grupo: a do jovem estudante de Ensino Médio. Como este estudante interpretaria as relações entre política e futebol? Para responder esta problemática, temos como referência o campo da Didática da História que investiga os usos, funções e formas que o conhecimento histórico assume na sociedade (BERGMANN, 1989/1990).

Este artigo tem o objetivo de caracterizar os procedimentos adotados e dar considerações iniciais da pesquisa que compõe a dissertação de mestrado em História Social da Universidade Estadual de Londrina, inserido na linha de pesquisa em História e Ensino, sob orientação da professora doutora Márcia Elisa Teté Ramos.

A pesquisa baseia-se na busca pelas noções de jovens estudantes do colégio SESI – Arapongas/Paraná, sobre

a influência histórico-política do futebol no Brasil, mais precisamente, interessa saber se o estudante tem condições de perceber os posicionamentos políticos do esporte, se estes têm uma historicidade, se apresentam relação com o passado nas suas mudanças e permanências.

Para pensar as relações entre política e futebol, consideramos a dinamização dos estudos históricos sobre política de acordo com René Rémond (2003), que busca uma reformulação da História Política, fugindo do tradicionalismo atrelado à história apenas voltada aos grandes heróis e às grandes narrativas nacionalizantes do período anterior à Escola dos *Annales*. Rémond é um dos expoentes da reformulação da História Política, que pretende uma transdisciplinariedade dos estudos políticos, principalmente em concomitância à sociologia, ciência política, antropologia, etc., onde se utiliza de novas técnicas para aprofundamento dos estudos históricos, não mais condicionados exclusivamente à economia.

A concepção de Rémond justifica a relação entre política e futebol que será proposta aos estudantes, mas vale lembrar que o objetivo principal da pesquisa não é uma historiografia política do futebol no Brasil, mas sim a compreensão das noções históricas de jovens sobre a relação futebol-política.

Como método de pesquisa, o entendimento da Teoria Fundamentada (*Grounded Theory*) descrita por Kathy Charmaz (2009) no livro *A construção da teoria fundamentada*, foi utilizada para escolha das técnicas que seriam utilizadas para coleta de dados. Na primeira parte foram aplicados dois questionários e por fim ocorreu a mediação de um Grupo Focal.

Partindo da abordagem da pesquisa qualitativa, viu-se a necessidade da aplicação de questionários prévios que buscaram melhor reconhecimento do grupo analisado, considerando seu

universo sociocultural, bem como alguns de seus conhecimentos sobre a temática proposta. Sendo assim, a utilização desta estratégia possibilitou melhor mediação do estudo principal que circunda a aplicação de um Grupo Focal.

De acordo com Charmaz, a fundamentação teórica deve partir dos dados colhidos durante a pesquisa, não possuindo uma teoria *a priori*. Assim, a fundamentação teórica vai se desenvolvendo durante o desenrolar das atividades. Inicialmente se aplica um instrumento de pesquisa, captando dados, para depois se analisar os dados, projetando novos instrumentos, novos memorandos, aplicando-se outros instrumentos de pesquisa novamente, e assim até se obter dados que atendam a uma *core category*.

Como já dito, o estudo tem como pressuposto teórico o campo investigativo da Didática da História, que parte da premissa de que os saberes vividos são o ponto de partida para a aprendizagem histórica. A Didática da História se preocupa com as formas de elaboração da consciência histórica. Investiga o que é apreendido, o que se apreende e o que deveria ser apreendido na disciplina de História. A consciência histórica é objeto de atenção da Didática da História, pois é um recurso indispensável para as relações de identidade e alteridade, logo, a consciência histórica se apresenta em níveis distintos simultaneamente em diferentes estratos sociais e múltiplos universos culturais.

A Didática da História, campo de atenção dos escritos de Klaus Bergmann (1985), põe como resultados a introdução de argumentos racionais em discussões sobre a experiência histórica, a permear a dinamicidade da ciência em relação a novas problemáticas. Desta maneira, a pesquisa tem como objetivo entender o que jovens inseridos no ambiente escolar compreendem sobre a influência cotidiana dos aparatos ligados ao futebol no contexto histórico-político brasileiro.

Neste caso, tem-se como objeto gerador o seguinte questionamento: como os atores juvenis se posicionam diante da influência das instituições de futebol no Brasil para com a política? A análise só se torna viável diante da pesquisa sobre o que tais pensam sobre essa influência hoje, como percebem isso e de que maneira é reproduzida.

[...] Com isso, a didática da história se volta para aqueles processos mentais ou atividades da consciência histórica sobre os quais afinal se funda a referência do aprendizado histórico à história. Trata-se de “processos de pensamento e de formação estruturadores de consciência”, “que geralmente encontram-se ‘por trás’ dos conteúdos e que habitualmente ficam velados ao aprendiz”, de “atos mentais determinantes do comportamento, que subjazem à lida com a História” (SCHÖRKEN, 1972, p.84 apud SCHMIDT, BARCA e MARTINS, 2011, p. 42).

A Didática da História conduz os vieses da pesquisa para reflexão em torno do pensamento histórico, dita a cientificidade em torno da consciência histórica e não mais se enquadra na antiga proposta de transposição dos saberes produzidos na academia para as cabeças supostamente vazias dos alunos. A Didática da História se apresenta como um campo de pesquisa que investiga a consciência histórica, as carências de orientação do presente e as perspectivas de futuro.

Além da Didática da História, a Educação Histórica também auxiliou na fundamentação teórica da pesquisa. Segundo Isabel Barca, esta linha de investigação busca uma “observação sistemática do real”, não se centrando nos “formalismos e recursos da aula”, embora estes sejam também importantes, mas nas “ideias históricas de quem aprende e ensina”. Em última instância, o que se tem em meta é a qualidade do ensino de

história, ou seja, as práticas em sala de aula (BARCA, 2005, p. 24). Nestes estudos em Educação Histórica:

Os investigadores têm entrado a sua atenção nos princípios, fontes, tipologias e estratégias de aprendizagem em História, sob o pressuposto de que a intervenção na qualidade das aprendizagens exige um conhecimento sistemático das ideias históricas dos alunos, por parte de quem ensina (e exige também um conhecimento das ideias históricas destes últimos). Análise destas ideias implica um enquadramento teórico que respeite a natureza do saber histórico e que deve refletir-se, do mesmo modo, na aula de História (BARCA, 2005, p. 15).

Em síntese, os pesquisadores deste campo, investigam como alunos e/ou professores pensam, como agem, como vivenciam seu cotidiano escolar, destacando o ensino/aprendizagem de história. Os estudos da Educação Histórica no Brasil, são influenciados pelas metodologias e conceituações dos pesquisadores da *History Education* na Inglaterra e “têm cada vez mais se apropriado de conceitos e dialogado com temas e propostas de teóricos da Didática da História na Alemanha, especialmente os trabalhos de Jörn Rüsen” (SOUZA, 2015, p. 01). Contudo, Didática da História e Educação Histórica, embora se assemelhem em alguns aspectos, se diferenciam em outros. Argumenta Éder Cristiano de Souza, que entanto a Educação Histórica procura compreender se os estudantes têm a capacidade de desenvolver conceitos de segunda ordem, para além dos conceitos substantivos¹, ou

seja, se conseguem mobilizar conceitos próprios da natureza do conhecimento histórico, a Didática da História cursa outro caminho. Para Rüsen, por exemplo, aprender história é partir das carências de orientação do presente, ampliar a compreensão da experiência temporal e desta forma, se tornar apto a argumentar e se orientar na vida prática projetando o futuro (RÜSEN, 2007).

Em outras palavras, enquanto a ênfase da Educação Histórica é na interpretação histórica, a ênfase da Didática da História é na orientação histórica.

Rüsen (2007) propõe pensar numa História que se abra para o futuro, num sentido de conciliação e esperança. A consciência histórica, nesse caso, se projetaria para o futuro no sentido de superação das condições dadas pela experiência e pela interpretação. A condição para esse exercício meta-histórico é compreender que as sínteses de experiências e interpretação têm limitações para as perspectivas de atuação na vida prática. Por isso, concentrar-se nas expectativas como uma forma de orientação histórica libertadora seria um passo para melhorar o ontem, qualificando o passado de sentidos que vão além do ocorrido e das suas possibilidades de entendimento. (SOUZA, 2015, p. 13-14)

Ronaldo Cardoso Alves, tendo como referência a Didática da História entende que:

História (como ciência) e vida (prática) sempre estiveram relacionadas, seja no âmbito dos interesses de satisfação das

¹ Os conceitos históricos substantivos são específicos da história, e estão mais vinculados às informações históricas ou conteúdos históricos, por exemplo: Revolução Francesa, Feudalismo, Renascimento, Guerra de Canudos, Revolução Industrial, etc. Os conceitos de segunda ordem são constitutivos da cognição histórica, isto é, dizem respeito aos fundamentos teóricos e

metodológicos da história, à natureza do conhecimento histórico, entre outros: explicação histórica, fontes e evidências, consciência histórica, inferência, imaginação histórica, interpretação, narrativa, etc. Tais conceitos também são ligados à noção temporal, como mudança, permanência, evolução e transição (LEE, 2001).

carências de orientação da sociedade, seja na necessidade do estabelecimento de parâmetros que possibilitem fiabilidade às narrativas geradas para representarem essa mesma ação temporal dos seres humanos [...] (ALVES, 2013, p. 53).

Para Ronaldo Cardoso Alves, a Didática da História (de vertente alemã) “parte da racionalidade histórica, estruturada principalmente no espaço escolar, que relaciona a História às necessidades da vida cotidiana com a finalidade de construir consciência histórica”, enquanto que a Educação História (principalmente a vertente anglo-saxã) “toma a vivência escolar como ponto de partida para a construção do conhecimento histórico, mediada por uma reflexão epistemológica construtora de metodologias que dotem alunos e professores de habilidades e competências históricas que os façam ler e agir no mundo que os cerca” (ALVES, 2013, p. 60).

No caso deste artigo, pretende-se, de um lado, apreender o que um grupo de estudantes entende por História, Política, Cultura e a articulação que fazem entre estas áreas e o futebol, a vida prática, o que se aproxima da Didática da História. As noções que os jovens aprendentes manifestarem, por sua vez, relaciona-se com a orientação temporal que mobilizam ao entenderem o passado, pelas carências do presente, perspectivando o futuro. De outro lado, este trabalho tem como uma das propostas, ver se os alunos têm condições de analisarem fontes históricas para mobilizarem suas noções em relação à temática. As fontes são capazes de fazer com que os alunos interpretem a história? Os alunos conseguem perceber, por intermédio dos documentos históricos que as interpretações são multiperspectivadas? Desta forma, este trabalho também se aproxima do campo investigativo da Educação Histórica, ao buscar averiguar se os aprendentes desenvolvem conceitos de segunda ordem, qual seja, de fontes históricas

como indícios do passado e a natureza multiperspectivada do conhecimento histórico. Em especial, no campo da política, as noções voltam-se para a perspectivação do futuro. Sobre a política na sua relação com o aprendizado histórico, diz Rüsen:

O saber histórico pode ser aproximado das crianças e dos jovens, como meio de sua orientação existencial, de diferentes maneiras. Eles podem ser manipulados para assumir atitudes políticas determinadas, com as quais se entregam incondicionalmente aos poderes dominantes (RÜSEN, 2007, p. 32).

Por isso a necessidade de se compreender as noções políticas que os estudantes apresentam. Conforme forem, “eles podem se tornar senhores de si nas atitudes que assumam com relação aos poderes dominantes, habilitar-se para serem eles mesmos a darem forma a suas vidas” (RÜSEN, 2007, p. 32).

Entender como os jovens percebem a influência da política no futebol, reconhecendo noções de mudanças e permanências históricas, pode ajudar na identificação de problemáticas no modo como esses atores interpretam a realidade, mas também como agem na mesma.

A pesquisa se deu diante das seguintes etapas metodológicas:

1) Estudo diagnóstico: Aplicação de questionário prévio sobre as condições socioeconômicas e universo cultural dos estudantes, a exemplo das questões aplicadas no Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM), atrelado a um questionário que busca analisar o conhecimento prévio acerca da historicidade das instituições de futebol no Brasil e suas influências histórico-políticas.

2) Estudo principal: a) Realização de Grupo Focal composto pelos alunos de Ensino Médio que responderam os questionários previamente aplicado onde

discutiram a temática proposta. Em concomitância a execução do Grupo, indicou-se a realização de uma atividade didático-pedagógica de análise de fontes, com o propósito de perceber como os alunos são capazes de analisar e comparar documentos históricos. O *Guia Politicamente Incorreto do Futebol*, de Jones Rossi e Leonardo Mendes Júnior (2014), se mostrou uma das opções para a atividade, pois discorre sobre uma perspectiva revisionista de questões sobre o futebol que permeiam o debate proposto nessa pesquisa, como por exemplo a Democracia Corinthiana e o caráter político das torcidas organizadas. Um contraponto dessas versões foi contraposto aos escritos de Franco Júnior (2007).

b) Por fim, a atividade de Grupo Focal foi transcrita e os dados foram analisados e tabulados, onde se estabeleceu marcadores que agrupam as variadas narrativas, com o intuito de perceber a dinamicidade das mesmas, as noções dos atores juvenis sobre a influência política das instituições de futebol no cenário nacional.

A utilização de questionários prévios é amplamente utilizada em trabalhos da área de Ciências Humanas com o intuito de nortear os rumos da pesquisa, levando em conta os conhecimentos já trazidos pelos estudantes e os campos que carregam menor fundamentação teórica. Com isso, viu-se a necessidade do estudo das condições socioeconômicas e o universo cultural em que os jovens estão inseridos, a possibilitar melhor compreensão do seu debate.

Partindo do pressuposto de que os alunos carregam conhecimentos históricos produzidos fora do ambiente escolar, isto fornece base para que estes saberes sejam melhores compreendidos e que possam ser utilizados para o desenvolvimento do estudo. Isabel Barca (2007) diz que “a aprendizagem é construída pelos próprios sujeitos” e se dá

de maneira significativa e pessoal, estimulada pelo seu meio social, a incluir sua escola, seus professores, pares, etc.

Desta maneira, o entendimento sobre as condições socioeconômicas e o universo cultural dos jovens pode oferecer melhor compreensão do perfil dos alunos, pois interferem no modo como estes interpretam o contexto em que estão inseridos e a maneira com que lidam com as relações entre a política e o futebol.

A mediação de Grupo Focal como técnica para obtenção de dados foi escolhida com o princípio de que atende as experiências dos estudantes com o trabalho em equipe e visto que essa estratégia tem crescido cada vez mais nas pesquisas em Ciências Humanas. Vários trabalhos como de Gatti (2005), Mazza, Melo e Chiesa (2009) e Dias (2000), detalham os procedimentos a serem desenvolvidos e estabelecem as propriedades para melhor realização da atividade.

Logo, crê-se que o Grupo Focal possibilitaria a compreensão das noções dos jovens sobre as relações possíveis entre política e futebol, desta forma considerando conceitos históricos de segunda ordem, pois tiveram liberdade na exposição de suas concepções e opção de alteração das falas ao longo da pesquisa, promovendo assim melhor consistência das respostas perante a dinamicidade de narrativas. Esta “alteração” é possível porque a técnica de Grupo Focal põe em interação, a sociabilização, o consenso e o conflito. No debate, os sujeitos têm a possibilidade de reforçar, concordar, discordar, reelaborar a perspectiva que tem sobre a temática.

Os Grupos Focais se apresentam como método de pesquisas qualitativas, onde

[...] os métodos qualitativos são menos estruturados, proporcionam um relacionamento mais longo e flexível entre o pesquisador e os entrevistados, e lidam com

informações mais subjetivas, amplas e com maior riqueza de detalhes do que os métodos quantitativos (DIAS, 2000, p. 1).

O objetivo dos Grupos Focais circunda na identificação de percepções, atitudes, ideias, sentimentos em torno de uma temática pré-determinada, podendo até gerar novas hipóteses ou teses. A pesquisa qualitativa se adequa melhor ao objetivo proposto, visto que o desenvolvimento do estudo possui um período determinado e recursos limitados, mas, atende aos requisitos necessários para a compreensão de cenários específicos e o estabelecimento de problemáticas que auxiliam no entendimento da sociedade.

De acordo com a técnica proposta por Gatti (2005), um Grupo Focal deve atender a um número restrito de amostragem pois a interlocução dos discursos pode impossibilitar a posterior transcrição e entendimento das narrativas colhidas, vendo isso, pensou-se na seleção de um grupo que não ultrapassasse 15 alunos, que compuseram o grupo e que discutiram as influências que as instituições de futebol no Brasil exercem durante o processo histórico-político do país na contemporaneidade e se estas caracterizam fator importante no entendimento do sociedade em geral.

O número de alunos poderia extrapolar a proposta de Bernadete Gatti, que gira em torno de 6 a 10 pessoas, contudo, em estudos anteriores como o desenvolvido pelo próprio proponente do estudo², no ato de execução há estudantes que não puderam comparecer por casos extraordinários, porém acredita-se que não houve prejuízo de resultados, visto

que 9 alunos participaram do grupo.

A escola que os estudantes estão devidamente matriculados é o Colégio SESI³, com sede em Arapongas/Paraná, e que tinha o pesquisador como professor titular da disciplina de História. O colégio se caracteriza por possuir um método que se distancia dos parâmetros tradicionais das escolas públicas e muitas da rede privada de ensino do Estado do Paraná, como será adiante melhor explicado.

Referências

- ALVES, R. C. História e Vida: o encontro epistemológico entre Didática da História e Educação Histórica. In: **História & Ensino**. Londrina, v. 19, n. 1, p. 49-69, jan./jun. 2013.
- BARCA, I. Educação histórica: uma nova área de investigação. In: ARIAS NETO, J. M. (org.) **Dez anos de pesquisas em ensino de História**. Londrina: AtritoArt, 2005. p. 15-25.
- BARCA, I. Investigação em educação Histórica: fundamentos, percursos e perspectivas. In Oliveira, Margarida, Cainelli, Marlene; Oliveira, A. F. (Orgs.), **Ensino de História: Múltiplos Ensinos em Múltiplos Espaços**. Natal RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007b, p. 23-32.
- BERGMANN, K. **A História na reflexão didática**. Revista Brasileira de História. V.9, n.19, set.89/fev.90, p. 29-42.
- CHARMAZ, K. Convite à Teoria Fundamentada. In: _____. **A construção da teoria fundamentada**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- DIAS, C. A. Grupo Focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, p. 7-22, 2000.
- FRANCO JUNIOR, H. **A Dança dos Deuses: Futebol, Cultura, Sociedade**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007.
- GATTI, B. A. **Grupo Focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

² LUIZ, Pedro Aurélio dos Santos. *Educação Patrimonial segundo os jovens – experiência com grupo focal no Museu Histórico de Arapongas*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Patrimônio e História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

³ Vale ressaltar que o nome da instituição fora mencionado pois acredita-se que o método proposto pela instituição auxilia no desenvolvimento da pesquisa e que pode ser uma característica válida para a desenvoltura dos estudantes pesquisados, visto que já carregam conhecimento pertinente para o desenvolvimento do trabalho em equipe.

LEE, P. Progressão da compreensão dos alunos em história. In: PRIMEIRAS JORNADAS INTERNACIONAIS DE EDUCAÇÃO HISTÓRICA. Perspectivas em educação histórica, 1., 2001, Braga. **Actas...** Braga: Uminho, 2001. p. 13-27.

MAZZA, V. A.; MELO, N. S. F. O.; CHIESA, A. M. O grupo focal como técnica de coleta de dados na pesquisa qualitativa: relato de experiência. **Cogitare Enferm**, 2009 Jan/Mar; 14(1):183-8.

RÉMOND, R. **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROSSI, J.; MENDES JÚNIOR, L. **Guia Politicamente Incorreto do Futebol**. São Paulo: LeYa, 2014.

RÜSEN, J. **Reconstrução do passado**. Teoria da história II: os princípios da pesquisa histórica. Brasília: Editora da UnB, 2007.

SCHMIDT, M. A.; BARCA, I.; MARTINS, E. R. **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SOUZA, E. C. Formação de Professores em História: Desafios e perspectivas para a redefinição da relação teoria e prática. **Revista Licencia&acturas**, v. 03, p. 85-92, n. 2015.